



ENSINO DE GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA DE OFICINA GEOGRAFIA III NA ESCOLA INFANTIL DE FORTALEZA - CE

Alana Sales Neco¹

José Átila Abreu de Sousa²

Geovanna Kely Araújo da Silva³

Orientador (a): Profa. Dra. Alexsandra Maria Vieira Muniz⁴

RESUMO

O presente artigo é resultante de um conjunto de ações desenvolvidas pelos discentes do curso de Geografia da Universidade Federal de Ceará (UFC) com o objetivo de intervir no ensino de Geografia Urbana de maneira inclusiva utilizando-se de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). O recorte espacial foi uma Escola Infantil de Fortaleza e como enfoque crianças com deficiências físicas e/ou cognitivas, no intuito de ressaltar a importância da inclusão na Educação Básica, compreendendo que a Educação Infantil, sendo a primeira etapa da Educação Básica, é de extrema importância para o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo e que o professor possui papel fundamental no processo de formação do aluno. A metodologia envolveu tanto a pesquisa bibliográfica, como observação, análise e intervenção na realidade com atividade prática que consistiu na ministração de conteúdo relacionado com o processo de urbanização, tendo como resultado a construção de maquetes junto aos alunos que permitiu maior interação e assimilação dos conteúdos.

Palavras Chaves: Geografia; Ensino; Aprendizagem; TIC.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma intervenção didática realizada na ESCOLA INFANTIL DE FORTALEZA - CE, no qual buscou-se a imersão dos discentes do curso de geografia da Universidade Federal do Ceará, da disciplina de Oficina III, do semestre 2019.2, ministrada pela Profa. Dra. Alexsandra Maria Vieira Muniz, no âmbito da Educação Básica, tendo como o aditivo de trabalhar a inclusão de alunos com deficiências físicas e/ou cognitivas nas práticas docentes, entendendo que é necessário destacar que a inclusão de alunos com deficiências na escola pública é possível e se faz urgente para o fortalecimento da democracia. Para isso, há necessidade de se pensar a inclusão para que essa se materialize no enfrentamento, encaminhamento de propostas e programas de ensino e adoção de princípios pedagógicos

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, alananeco12@alu.ufc.br;

² Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, atilasousa507@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, geovannakelysilvaaraujo@gmail.com;

⁴ Doutora pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, geoalexandraufc@gmail.com;



democráticos em respeito às minorias historicamente excluídas da educação...(Costa, 2012, p.92 apud SILVA & COSTA, 2015).

O trabalho tem por objetivo o ensino da Geografia de forma inclusiva, buscando com a prática em sala de aula se sensibilizar quanto a importância da inclusão no ambiente escolar, compreendendo que a formação dos professores deve abranger o desenvolvimento de sua sensibilidade para que possam refletir sobre a própria prática docente e, assim, planejar de maneira flexível, articulado mesmo às demandas de aprendizagem dos alunos, considerando diversas possibilidades de práticas (COSTA, 2010, p.531 apud SILVA & COSTA, 2015)

Entendendo que o ato de ensinar está para além da exposição do conteúdo para os alunos, está diretamente relacionada com a interação do professor com o aluno, tendo o professor um papel essencial para o processo de aprendizagem do aluno, pois o mesmo compreende a evolução do aluno ao passo que o mesmo também pode analisar a progressão do conhecimento do indivíduo e proporcionar a intervenção adequada às dificuldades e deficiências do aluno. Concordando com Lima e Gomes (2010, p.169) O professor como sujeito que não reproduz apenas o conhecimento pode fazer do seu próprio trabalho de sala de aula um espaço de práxis docente e de transformação humana.

Além da abordagem da temática de inclusão dos alunos com deficiência, os discentes aplicaram uma intervenção utilizando-se de TICs, compreendendo assim, que com o advento da internet as tecnologias passaram a ser denominadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), hoje, tecnologias digitais, e sua popularização, no Brasil, se dá a partir de 1995, quando da abertura da internet comercial no país, deixando de ser restrita às universidades e aos centros de pesquisa. (BONILLA,2012:71 apud Neves & Muniz, 2018). Logo, aliando o conhecimento teórico ao conhecimento tecnológico, temos uma importante ferramenta de transformação do ensino em sala de aula. Portanto, o meio educacional tem sido cada vez mais permeado pelas novas mídias e a velocidade de suas informações, sendo perceptíveis as mudanças e a necessidade de adequação desse novo modelo pelos educadores e educandos. Dessa forma, os processos de ensino-aprendizagem também têm passado por profundas modificações para receber os avanços advindos dessas novas tecnologias, com a utilização de ferramentas inovadoras (como aplicativos que usam mapas tridimensionais). (Neves & Muniz, 2018).

A prática debruçou-se sobre o conteúdo de Geografia urbana e, concomitante, com o uso das TIC's procuramos repassá-lo de forma a abranger todos os alunos da classe, inclusive a aluna que possuía o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com isso utilizamos de



embasamento teórico-metodológico a respeito dos assuntos explanados em aula e sobre o TEA, buscando integrar a aluna com os conteúdos ministrados e as práticas realizadas em sala de aula.

METODOLOGIA

A pesquisa se deu em quatro etapas: I - visita à ESCOLA INFANTIL DE FORTALEZA - CE; II - Questionário com a Professora Responsável; III - intervenção na escola e IV- Apresentação da intervenção na disciplina de Oficina III. Logo, as etapas citadas serviram como base para o planejamento e a execução da intervenção.

A importância da escolha da Escola Infantil De Fortaleza - Ce se dá, além da relevância de conhecer uma unidade universitária de Educação Infantil, também, por se tratar da primeira etapa de desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, apesar de, como futuros professores de Geografia só trabalharmos a partir do Ensino Fundamental II, faz-se necessário a compreensão de como se deu o ensino da criança e adolescente desde cedo. A escola apresenta crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerado em 2014 pelo DSM-5 (APA, 2014) como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por um marcante prejuízo na capacidade para comunicação social (fala, comunicação e interação social) e presença de comportamentos com atividades e interesses restritos, repetitivos e estereotipados (BRAGA, 2018).

A Escola Infantil de Fortaleza - Ce. Trata-se de uma instituição de Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, na qual apresenta uma metodologia que visa o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, prezando por suas habilidades criativas e por sua autonomia. A escola possui um espaço adequado para a quantidade de treze crianças por turma, sendo duas salas de atividades amplas, ambas com banheiros, divididas para duas turmas no turno da manhã e duas no turno da tarde, possui dois parquinhos, para o intervalo das crianças e uma gestão que visa a autonomia, liberdade e respeito a todos. Possui ainda sala para os professores, para a direção/coordenação, biblioteca e cantina, estruturas básicas para uma instituição educacional. Além disso, toda turma possui seus projetos internos, escolhidos pelos interesses das próprias crianças, seja de forma verbal ou mesmo demonstrados por ações repetidas. Nesse sentido, temáticas como flores, insetos, rochas, borboletas e artes são propostas pelas crianças, possibilitando a autonomia das mesmas. A instituição possui alguns materiais



didáticos, porém é bem carente de materiais, mas são bem criativos também recebem doações que possibilitam a realização das atividades.

No primeiro contato com a Escola Infantil De Fortaleza - Ce, com a finalidade de obtenção de informações, foi realizada anotação em caderneta, sobre como se dava o processo de funcionamento da instituição a ser pesquisada, a dinâmica da equipe que trabalhava com as crianças, que eram, a professora responsável pela sala e duas ajudantes no qual eram bolsistas da instituição, os projetos desenvolvidos com as turmas e a estrutura do prédio, pois com tais dados poderíamos pensar nas práticas que seriam viáveis a ser trabalhado com as crianças. No segundo momento da visita foi utilizada a análise de observação, buscando compreender a dinâmica dos alunos e como os mesmos se comportam perante as práticas realizadas nos dias e os momentos que lhes eram apresentados, como hora da brincadeira, momento de marcar no calendário, momento de atividade em grupo, lanche e hora da leitura. Concomitante às anotações e observações, utilizamos de fotografias no aparelho celular a fim de registrar os momentos citados acima, com essas análises buscamos entender o dinamismo da instituição e das crianças, para assim planejar a intervenção de forma a atender às necessidades dos indivíduos e encaixar-se na rotina conhecida pelos mesmos.

Em outro momento, utilizando-se do questionário entregue pela professora de oficina III, foi realizada com a Professora Responsável um questionário no qual a mesma explicitava sua carreira docente e preparação de magistério. Entre as perguntas estavam: Qual sua concepção de Educação Inclusiva?/Tem experiência com o ensino inclusivo? Desde quando, quais desafios já enfrentou?/ A infraestrutura da escola tem correspondido às demandas para a concretização do trabalho com este público específico? Se sim, citar quais, se não, citar o que poderia ser feito. Com esta ferramenta, foi possível analisar como a instituição contribui com recursos humanos para a inclusão de crianças com deficiências físicas e/ou cognitivas.

A importância no diálogo com a professora é a troca de experiência já que a mesma está em contato direto com as crianças e ver na prática os desafios e necessidades desses alunos.

A Educação Inclusiva é extremamente imperiosa nos dias de hoje, porque cada vez mais a gente tem as crianças que têm necessidades especiais e estão na escola, e devem estar, e aquela concepção de que tinha uma escola de educação especial não mais atende as necessidades. Hoje, é a inclusão mesmo. Aqui nós temos várias crianças com autismo, então a gente tem que praticar a inclusão. Mas aqui a gente não tem ainda alunos cegos, alunos surdos, cadeirantes. Neste momento não temos. A incidência maior é de alunos autistas. Respeitar a criança e, respeitando a criança que tem necessidade especial, respeitando as demais. É muito difícil essa tarefa de equilibrar os interesses e as



necessidades, mas é imperioso fazermos. E é nessa condição de a criança que tem necessidades especiais estar convivendo com os outros, ser aceita, ser respeitada, se desenvolver, na perspectiva também de Vygotsky, que a gente interagindo se desenvolve junto ao professor, mediador. E oferecer à criança as melhores condições para que ela se desenvolva, aprenda, seja respeitada”. (Professora Responsável, 2019)

A interdisciplinaridade envolvida no nosso trabalho possibilitou uma contribuição de todos os conhecimentos adquiridos até aqui. De tal maneira, conteúdos da Geografia Humana, Agrária, Urbana e Industrial foram utilizados direta ou indiretamente durante as nossas práticas. O foco central do nosso trabalho foi a Geografia Urbana, objetivando verificar as transformações ocorridas na cidade e o que leva a diferenciá-la do campo, do meio rural. A partir disso, os conteúdos foram muito bem explorados de acordo com a faixa etária das crianças. Assim, foi um desafio para nós discentes levarmos os nossos conhecimentos à possibilidade de entendimento pelas crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a execução da prática em sala de aula foi-se possível obter algumas considerações e discussões a respeito da importância da inclusão de alunos com alguma necessidade de atenção especial nas práticas educacionais e que se deve haver por parte dos docentes em formação uma análise experimental, afim de desenvolver habilidades para tais práticas de inclusão. Assim, o discente imerso na realidade prática consegue aperfeiçoar-se, além de garantir a continuidade do trabalho, entendendo que, uma vez imbuído e ciente das práticas de inclusão, o mesmo buscará repetir suas experiências com os seus educandos e com isso produzirá uma transformação dentro da sala de aula. Nessa direção, a formação docente, tanto inicial como continuada, é compreendida como processo de construção coletiva, forjada em dado contexto histórico, nas diferentes relações sociais, espaço e tempos, que reflete concepções de sociedade de homem/mulher, de mundo, de educação, de conhecimento, de ensino-aprendizagem. (SILVA & COSTA, 2015)

Nisto, a prática de inclusão se apresenta para além da imersão do indivíduo deficiente nas práticas habituais, a inclusão busca a percepção do outro entendendo suas deficiências e construindo a aprendizagem coletivamente sem exclusão, logo, a formação na perspectiva da educação inclusiva deve possibilitar a sensibilidade das pessoas, em ver o outro como sujeito de direito cujas potencialidades são diferentes, e por isso, não podem ser vistas de acordo com



padrões de "normalidade" ou de "formalidade". (SILVA & COSTA, 2015). Em contraponto ANTUNES (2008) traz uma visão diferenciada do dito "normalidade", entendendo que, esse conceito de normalidade pode apresentar variações visíveis ao tempo: o aluno extremamente "bem-comportado" e, portanto, aplaudido pelo seu comedimento, há alguns anos seria visto como anormal em determinadas escolas que exaltam o dinamismo e a extroversão nas relações interpessoais. Por essa razão, dizer o que é ou o que não é normalidade não é uma tarefa fácil.

A inclusão é, portanto, o pertencimento das pessoas aos direitos sociais, econômicos, culturais, civis, político (de participação e intervenção na sociedade), além do direito a sustentabilidade socioambiental, considerando a universalidade, a indivisibilidade e a interdependência dos direitos humanos, uma vez que todos os direitos têm a mesma importância, se complementam e se inter cruzam, e o acesso à um direito não elimina a concretização dos outros direitos. (SILVA & COSTA, 2015).

Na prática realizada na instituição, foi-se deparado com uma aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual é caracterizado pela presença de dificuldades na comunicação social (fala, comunicação e interação social), comprometendo as relações ou interações sociais, e é marcado pela presença de comportamentos com atividades e interesses restritos, repetitivos e estereotipados. É essa a tríade que caracteriza o diagnóstico do autismo, seja nos níveis leve, moderado ou severo (SCHWARTZMAN; ARAÚJO, 2011 apud BRAGA, 2018). Crianças com autismo podem apresentar dificuldades tanto com a comunicação verbal quanto com a comunicação não verbal. Elas podem evitar o contato com os olhos ou sorrir e podem não entender o significado de um sorriso, de uma piscada ou de um aceno. (SERRANO, 2016 apud BRAGA, 2018).

Em primeiro momento, buscamos analisar o seu comportamento, considerando que o autismo faz com que a criança aprenda de uma maneira muito peculiar, torna-se lógica a ideia de que seus materiais e os procedimentos de ensino sejam também diferenciados. (BRAGA, 2018), logo era necessário haver um primeiro contato com a criança em questão, entendendo que o professor tem o papel importante para a transposição do conteúdo e das intervenções em sala de aula, com isso conhecendo o aluno o professor buscará medidas que incluam o mesmo utilizando-se de conhecimentos básicos a respeito de seus alunos, como experiências, saberes e habilidades. Concordando nisto com BRAGA (2018), é importante compreender o estilo de aprendizagem dos alunos com autismo em sala de aula; para tanto, faz-se emergente a ampliação de serviços promotores da formação de professores.



Desse modo, buscamos no papel de professores introduzir uma prática que além de permear o conteúdo de Geografia Urbana, se adequasse a forma de aprendizagem da aula em questão, sem expô-la ou desmembrar-se dos interesses e habilidades dos demais alunos. Não podemos esquecer que alunos com TEA são muito mais visuais do que auditivos e podem apresentar formas distintas de expressar suas capacidades intelectuais; logo, necessitam de ambientes e atividades organizadas e estruturadas, que favoreçam a previsibilidade e garantam melhor organização para fins diversos. (BRAGA, 2018). Nisto se deu a escolha da construção das maquetes em sala de aula, que além de ser uma prática de aprendizagem coletiva, levaria a turma a desenvolver habilidades espaciais e a cativar a aluna na construção do conhecimento apresentado.

Faz-se necessária a transformação desse movimento na sala de aula, para assim saímos da ação meramente tradicional rumo à promoção de um ambiente inovador, que seja e traga atrativos para os alunos em todos os pontos de vista. Apesar de todos os medos e barreiras que com certeza ainda iremos confrontar, pois toda e qualquer mudança gera insegurança e medo. “O conhecimento ainda é o primeiro passo para a inclusão” (BRAGA, 2018). A utilização dos recursos didáticos nesse trabalho desenvolvido na área do ensino de Geografia para alunos da educação básica, voltado para intervenções que visavam o ensino da geografia urbana, com o objetivo de tratar do uso dos materiais didáticos manipuláveis se deu através da utilização de duas maquetes montáveis, das quais uma representava a cidade e a outra o campo. Iniciamos a atividade com uma breve apresentação sobre as especificidades marcantes do eixo urbano e rural; depois apresentamos um vídeo elucidando as transformações da cidade.

Após essa inserção à temática, apresentamos as maquetes desmontadas e expomos objetos representativos do meio rural e urbano. Os alunos foram separados em dois grupos e foi lhes dado uma base representativa sobre as respectivas temáticas para cada grupo, que foram recolhendo os objetos e montando de acordo com as suas percepções e ideias sobre os assuntos abordados. No final da intervenção, pedimos para que os alunos explicassem, de acordo com os seus conhecimentos, sobre a construção das maquetes e atentamos às suas explanações com o conteúdo lecionado. Desse modo, foi possível observar uma maior interação e participação de todos os discentes, bem como foi perceptível o interesse e empolgação deles diante das propostas de montagem das maquetes e dos demais materiais pedagógicos disponibilizados na aula.

Destarte, propomos uma metodologia que permitia aos alunos a construção do conhecimento com a mediação da professora durante o processo de elaboração dos materiais



didáticos manipuláveis e na aplicação em sala de aula. Esse método utilizado permitiu-nos realizar uma avaliação a partir da visão dos alunos acerca da atividade realizada, que pode ser observada, com base na demonstração de interesse, motivação e participação deles nas atividades propostas.



Figura 1: Explicação de conteúdo e prática de construção da maquete de Urbana (FONTE: Autoral, 2019)

De tal modo, a turma do infantil 5 participou de maneira ativa desde a primeira conversa sobre a atividade, em que surgiu o questionamento sobre o que era cidade e o que era o campo. Isso contribuiu para o desenvolvimento do pensamento sobre a questão da localização, do urbano, das transformações e da importância tanto do campo quanto da cidade, entendendo que são espaços interdependentes. A criança com TEA se interessou desde a apresentação do vídeo até a contemplação da maquete criada por todas de forma coletiva. Portanto, a Geografia é importante de ser trabalhada desde a primeira etapa da educação, sendo possível tornar o aprendizado dos seus conteúdos de forma atrativa e envolvente.

Em relação ao trabalho com as crianças, a professora nos exorta, além das demais observações, a necessidade dele ser dinâmico, de maneira a acompanhar o ritmo das mesmas em suas atividades. Foi exatamente essa a proposta da intervenção realizada que, ao fazermos um paralelo com os adolescentes, devemos proporcionar atividades de engajamento e prática, de modo a motivar esses indivíduos ao ensino da Geografia, deixando de ser apenas uma



disciplina em que seja vista como decorativa, reforçando aqui mais uma vez a importância do despertar dessas noções já nos primeiros anos da criança.

A partir do que foi exposto é possível identificar os fatores críticos de sucesso da implementação da intervenção, bem como as possibilidades para contornar as situações adversas no momento da atividade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os envolvidos na construção desse trabalho que por razões de força maior não estão presentes em nome e autoria, porém ajudaram para a realização da prática como os discentes de Geografia-UFC Hanna Almeida Sousa e Samuel de Araújo Lustosa de Melo, como também a Professora Responsável que saudosamente nos orientou nos trabalhos práticos e possibilitou a coleta de dados e a intervenção na instituição, com isso também agradecemos a Escola Infantil de Fortaleza – Ce (nome fictício da escola) e a equipe de trabalho da instituição que nos receberam e compartilharam sua experiências e vivências afim de nos ajudar a construir o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações feitas acerca da escola e da intervenção realizada, foi possível perceber a importância de trabalhar com a geografia desde o ensino infantil, sendo assim, a instituição escolhida apresenta um trabalho de formação e desenvolvimento da criança preparando-a para os desafios cotidianos de modo a possibilitar o desenvolvimento da criatividade e da autonomia.

A prática realizada proporcionou uma melhor vivência dos discentes que realizaram a intervenção, contribuindo para formação acadêmica e a valorização do processo educativo. Assim, a prática utilizou metodologias ativas, sendo o principal foco o engajamento do aluno, notadamente a criança com TEA. De tal maneira, os questionamentos levantados, como por exemplo “o campo é pobre, a cidade é rica”, fez-nos pensar sobre a importância do debate sobre esses assuntos. A partir disso conversamos sobre as interdependências dos dois espaços, sobre produção de alimentos que vem do campo para abastecer a cidade, enfim, todas essas questões que perpassam esses conceitos.

Com a construção da maquete na prática com os alunos, percebemos a importância do ensino de Geografia no ensino infantil, no qual desperta no aluno a percepção de mundo,



tanto no contexto cartográfico quanto social, nisto, percebemos que a prática proporcional aos alunos com autismo a interagirem com a turma e compreender o conteúdo. Notoriamente o papel da disciplina de Oficina Geográfica III proporcionou essa aproximação do contexto inclusivo com intervenções na educação básica, através de metodologias ativas e a contribuição para formação do discente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Inclusão: o nascer e uma nova pedagogia*. São Paulo, (Um olhar para educação), Ciranda Cultural, 2008.

BRAGA, Wilson Candido. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e educação inclusiva. In: GOMES, Robéria Vieira Barreto; LIMA, Ana Paula de Holanda; MASI, Ivna Teixeira; SERRA, Rosane de Fatima Ferreira; OZÓRIO, Francisca Janaina Dantas Galvão; BARBOSA, Heloisa Fonseca;

MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. Difusão de trajetória urbano-industriais no espaço – tempo – Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia, v. 6, n. 9, p. 4-20, 2019.

NEVES, Bruno Palhares; MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. As tecnologias da informação e comunicação (tics) e a geografia: aplicações no ensino da geografia humana. V CONEDU, p. 1-5, 2018.

ORÍ, Rafaele Lima Batista. Educação Inclusiva e Educação Especial: Perspectiva na aprendizagem escolar. Fortaleza, IMPRECE, 2019. (Pág 29-47).

SILVA, Aida Maria Monteiro; DA COSTA, Valdelúcia Alves (orgs.). Educação inclusiva e direitos humanos: perspectivas contemporâneas. São Paulo, (Coleção educação em direitos humanos), CORTEZ EDITORA, 2015. Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.